

Machado, Ida Lucia. “Não insuflam o povo à guerra!”: ecos longínquos de vozes poéticas. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.01-20, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

“NÃO INSUFLEM O POVO À GUERRA!”: ECOS LONGÍNQUOS DE VOZES POÉTICAS

“N’ENCOURAGEZ PAS LE PEUPLE AUX GUERRES!”: DES ECHOS LOINTAINS VENUS DE VOIX DES POETES

Je vis, je tue, j’exerce le pouvoir délirant du destructeur auprès de quoi celui du créateur paraît une singerie. C’est cela être heureux, c’est cela le bonheur, cette insupportable délivrance, cet universel mépris, le sang, la haine autour de moi, cet isolement non pareil de l’homme qui tient toute sa vie sous son regard... (CAMUS, Caligula, Acte IV, scène 13)

Ida Lucia Machado*

RESUMO: Abordamos aqui ideias ligadas à não-glorificação das guerras. Não se trata de um estudo sobre discursos pacifistas, mas sim sobre discursos que são contra a ideologia patriótica criada pelo nacionalismo exacerbado de países nos quais governantes/líderes enviam, sem pestanejar, jovens soldados para a morte em campo de batalha, enquanto que eles ficam de longe, protegidos. Como metodologia utilizamos conceitos de Charaudeau, Bakhtin e outros vindos de sociólogos e historiadores. Para ilustrar o artigo recorreremos a dois poemas compostos por escritores franceses do século XIX. Nosso objetivo aqui é duplo: (i) mostrar que a AD considera textos literários como expressão de uma comunicação (ii) verificar como mensagens vindas de outras épocas ainda se adaptam à nossa.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia guerreira; Desmitificação; Análise do Discurso; Poemas franceses.

RESUME: Nous approchons ici des idées liées à la non-glorification des guerres. Il ne s’agit pas de travailler avec des discours pacifistes, mais avec ceux qui déplorent les idéologies créées à cause d’un nationalisme exacerbé exercé par certains gouvernants qui envoient, sans sourciller, des jeunes gens à la mort tandis qu’eux se maintiennent bien protégés. La méthodologie utilisée fera appel à des concepts venus de Charaudeau, Bakhtine aussi bien qu’à certaines idées des sociologues et historiens. Pour illustrer l’article nous avons choisi deux poèmes écrits par des écrivains français du XIXe siècle. Le but de l’article est double : (i) montrer que l’AD considère des textes poétiques comme autant des formes de communication ; (ii) vérifier comment des messages venus d’autres époques s’adaptent encore à la notre.

MOTS-CLES: Idéologie guerrière; Démystifier ; Analyse du Discours ; Poèmes français.

Para escrever este artigo tomamos por base alguns protestos contra guerras de modo geral, oriundos de produções poéticas francesas do século XIX. Sabe-se que como toda a Europa e parte do mundo, a França, foi bastante castigada no século XX por duas grandes Guerras. Mas, antes disso, assistiu a vários outros conflitos contra principados alemães, às guerras franco-prussianas, guerras napoleônicas e outras.

* Pós-doutora em análise do discurso pelas Universidades de Paris XIII e Paris III. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG. Pesquisadora 2 do CNPq.

Discursos moderados e pacifistas se fizeram então ouvir aqui e ali vindos de políticos e pacifistas. Outros, mais inflamados ou indignados contra o grande flagelo que é a guerra, também quiseram exprimir suas opiniões por um meio que consideramos curioso, mas eficaz: o recurso à arte, no caso, à poesia.

Veremos aqui os apelos dramáticos de dois escritores, que, servindo-se de recursos poéticos como armas de dissuasão, deixaram consignados por escrito para os leitores de seu tempo e, sem dúvida também para a posteridade, descrições sobre o final de batalhas, ao mesmo tempo em que promoveram uma reflexão sobre o porquê de tanta cólera e ódio que, em tempos de guerra, tornam-se valores sólidos que são insuflados aos jovens soldados por seus governantes/líderes e mesmo por suas famílias.

Sabemos que assim agindo, ou seja, indo buscar palavras de guerra (ou palavras contrárias a esta) em poemas no já distante século XIX, percorreremos um caminho inverso ao habitual, sobretudo no âmbito da História atual da humanidade. No momento atual, chegam-nos aos olhos e ouvidos via *internet*, mídias televisivas ou impressas, notícias mil sobre as atuais guerras que estão ocorrendo mundo afora ou que podem estar prestes a eclodir agora, em vários pontos do mundo.

Assim a guerra na Síria, país que era tão belo e que se encontra agora destruído e massacrado; a guerra no Iraque que culminou com o assassinato de Sadham Hussein, morte que, ao que tudo indica, não parece ter trazido paz e prosperidade para o país, que continua a ser vítima de ataques de terroristas, de destruição e mortes de civis inocentes; Israel e Palestina, longe de se entenderem, continuam a se contemplarem com animosidade; as guerras no continente africano que, de um momento para outro, surgem violentamente; isso resulta em fome e miséria e também na fuga de famílias inteiras que tentam escapar de tais calamidades em frágeis embarcações e que se defrontam com uma acolhida restrita (atualmente) e muitas negativas por parte de países europeus que temem não poder resistir, economicamente falando, à esta entrada “em massa” do “outro” ou de “outros” em seus territórios.

Uma triste constatação é que as guerras de religião, ironicamente chamadas de “guerras santas”¹ que pareciam ter ficado em outras eras, voltaram com força desenfreada e com ataques inesperados nos quais são sempre os inocentes que pagam.

¹ Eis um curioso exemplo de oximoro...

Para piorar ainda mais a situação no momento atual, paira uma sombra de conflito civil por conta de uma onda crescente de racismo na América do Norte: parte da população de americanos do sul dos E.U.A. que, ao que tudo indica, que nunca tolerou de fato a população negra, volta a se manifestar e isso traz à baila ataques de grupos ignóbeis como o *Klu-Klux-Kan* (que ingenuamente chegamos a acreditar extinto) e outros de filiação abertamente nazista. E, para culminar esse trágico panorama, há a ameaça de envios de mísseis da Coreia do Norte, que se acha fortemente armada, ameaça esta dirigida aos países vizinhos ao seu (Coreia do Sul e Japão) e também aos Estados Unidos, o grande inimigo de sempre. A situação mundial mostra-se tão confusa, tão cheia de ódios e diferenças de identidades em conflito que nem sabemos como abordá-la no espaço restrito de um artigo.

Como estamos habituadas a trabalhar com narrativas de vida e logo, com memórias, indo sempre atrás de fatos idos e vividos, resolvemos voltar-nos para uma disciplina que tem interfaces com a análise do discurso: a literatura. Melhor explicando: a análise do discurso que praticamos, habitualmente – a que mistura alguns conceitos de P. Charaudeau às ideias de Bakhtin sobre dialogismo e polifonia, além de estar também ligada a conceitos vindos da Sociologia e da História – está apta a analisar diversas produções linguageiras, vindas de diferentes disciplinas. É o caso da literatura. Além disso sempre acreditamos que a união “linguística-discursiva & texto literário” é bem profícua. Os textos literários costumam retratar com certa fidelidade situações e problemas da História referentes à época em que são escritos. Mais que a beleza da arte pela arte, aí vemos também a parte sociológica, o homem às voltas com sua cultura e com outras. Quase todo texto literário presta-se assim a ser analisado discursivamente, desde que o vejamos como um documento que comunica algo de um determinado universo a alguém. Que esse universo seja ficcional pouco importa: os escritores quase sempre tomam fatos reais, vistos ou pressentidos como temas para seus escritos.

Nesse sentido, queremos trazer para estes escritos as palavras da escritora indiana Arundhati Roy, que vimos/escutamos no dia 06 de setembro de 2017 no *Jornal da Noite* da emissora SIC (Portugal): para Roy “Só a ficção pode contar a realidade”. Evidentemente, tal opinião vinda de uma grande escritora da atualidade nos comoveu: por um lado, ela sintetiza o que sempre tentamos explicar aos nossos colegas e alunos quando utilizamos documentos de ficção no âmbito de uma

disciplina vinda dos Estudos Linguísticos, como é o caso da Análise do Discurso. Por outro lado, ela se encontra, de certo modo, com o que disse Halbwachs sobre o trabalho de recuperação da memória individual: “a algumas lembranças reais acrescentam-se uma massa compacta de lembranças coletivas” (HALBWACHS, M. 1997, p. 55, tradução nossa). Em outras palavras, a memória individual está sempre ligada à memória coletiva que pode preceder mesmo o nascimento do ser que se lembra de ou que narra sua vida: o que ouviu de seus avós ou de seus ancestrais sobre fatos históricos integra-se em seu cabedal de lembranças e nele cria uma forma própria. Mas, nem todas as lembranças desse indivíduo serão o retrato da realidade, pois aquelas que lhe foram narradas podem vir acompanhadas por toques de ficção, conforme o estilo do narrador...

Escolhemos dois poemas para ilustrar/embasar este artigo: cada um deles, segundo o modo de escrever, o estilo de cada escritor, mostra uma faceta da História e uma tomada de opinião (face às guerras em geral) daqueles que os compuseram e que se fazem arautos de uma população oprimida pelos ditames de seus governantes; em suma, as vozes poéticas que aqui reproduzimos² querem desmitificar a ideologia guerreira. Começaremos por apresentá-los e fornecer rápidos dados de seus autores. Lembramos desde já, que o segundo é apenas um fragmento de uma obra maior.

Em seguida, destacaremos, para melhor compreendê-los, alguns elementos simbólicos citados nos poemas e cujo sentido pode revelar - ainda que de modo panorâmico -, a razão do ódio que leva às guerras; a partir daí examinaremos nosso *mini-corpus* não como um literato o faria, mas, na perspectiva de uma analista do discurso que destacará a memória coletiva subentendida aos poemas, bem como algumas das estratégias de captação do leitor ali presentes.

1. Dois poemas que alertam para os horrores da guerra

Quando se fala em poema que contenha uma imagem da guerra, no âmbito da literatura francesa, nossa imaginação é imediatamente conduzida (se somos francófonos) para o famoso poema de Rimbaud *Le dormeur du val*. À delicadeza de

² Por nós traduzidas livremente para o português, especialmente para este artigo.

uma imagem bucólica que descreve o sono de um jovem, em meio a uma luxuriante vegetação, em um lugar de onde se escuta o canto de um rio e dele se sente o frescor, o poeta opõe a crueldade da guerra ao revelar, somente nos versos finais desse poema, que o jovem que aparentemente estava adormecido nesse recanto verde, na verdade é um pobre soldado morto como mostram os buracos de bala em seu corpo.

É claro que ficamos tentadas a examinar tal produção artística, mas muito já se falou sobre ela. Buscamos então outras menos conhecidas³ e deparamo-nos com duas: uma de Ponsard, outra de Victor Hugo.

François Ponsard foi um poeta, tradutor, dramaturgo e escritor francês, que nasceu em 1º de junho de 1814 e morreu, com 53 anos, em 07 de julho de 1867. Filho de advogado, não seguiu a carreira do pai, atraído que era pelo mundo literário. Não encontramos uma vasta documentação sobre ele nos manuais franceses de literatura ou em outros livros. Rincé e Lecherbonnier (1986, p. 409) apresentam-no como um dos literatos filiados à geração realista, mais especificamente, um dramaturgo neoclássico. Comprovamos, através do jornal *Midi Insoumis, Populaire et Citoyen*, publicação *online*, que ele escreveu várias peças de teatro, entre as quais destaca-se a peça teatral *Lucrèce* (1843) aplaudida como um retorno à tragédia séria e de bom senso, contrária às que o drama romântico já produzia, na época. Isso não quer dizer que Ponsard fosse totalmente contra algumas das regras da escola romântica, pois ele as utiliza (em parte) em sua obra. Seja como for, predominava nesse escritor um desejo latente de reproduzir a realidade de sua época, o contexto sócio-político que o rodeava.

São essas características que notamos em seu poema *Je voudrais voir les gens qui poussent à la guerre sur un champ de bataille*, longo título para um poema e que já resume sua visada e, assim, já orienta seu leitor para uma determinada conclusão: aquela esperada pelo poeta. Traduzimo-lo por “Gostaria de ver as pessoas que incitam à guerra em um campo de batalha”. No poema em questão, não estamos diante da arte pela arte, de uma invenção lírica ou de um apelo às musas, mas sim em face aos ditos – ainda que sob a forma de versos - de um artista engajado.

No poema, Ponsard talvez exprima o desejo de muitos outros franceses, quando dizem ou pensam: “Os governantes que decidem lançar uma guerra contra um determinado povo e que ficam a decidir os rumos desta, confortavelmente

³ Pelo menos no Brasil.

instalados em suas salas aquecidas e protegidas, longe dos perigos, deveriam no entanto, serem os primeiros a pegar armas e ir para a frente da batalha; aí abandonariam rapidamente suas ideias bélicas”. Trata-se de um raciocínio justo, sem dúvida; no entanto, ele pode ser (e é) facilmente contestado, por uma resposta já pronta: um país em guerra precisa de um comandante, de um chefe forte e este precisa ser bem protegido, bem abrigado contra os perigos, para poder ver a guerra como um todo e estabelecer as manobras que poderão levar seu povo à vitória. Uma guerra é algo coletivo e, nela, as opiniões de cada um, as individualidades dos jovens soldados contam pouco ou quase nada: eles são vistos como uma massa humana, guiada por uma só lei: obedecer ao chefe, matar o inimigo e se for preciso, morrer pela pátria.

Transcrevemos a seguir o supracitado poema, cuja data exata de publicação restou-nos obscura:

(i) *Gostaria de ver as pessoas que incitam à guerra em um campo de batalha*

*Eu queria ver as pessoas que incitam à guerra
Em um campo de batalha, na hora em que os corvos
Furam com bicadas e estraçalham
Todos aqueles olhos e corações antes inflamados*

*Enquanto que a bandeira triunfante flutua ao longe
E que, entre aqueles, que jazem por terra
Os dedos crispados, a boca aberta e sem fôlego,
Um reconhecer seu irmão e o outro seu filho.*

*Oh! Eu queria vê-los, quando na refrega
A goela dos canhões cospe sem parar,
Pacotes de balas no nariz dos combatentes.*

*Ver todas essas pessoas pregarem suas teorias
Diante desses crânios furadas, desses peitos feridos
Dos quais a morte colheu almas de vinte anos.*

(F. Ponsard, in: www.gauchemip.org/spip.php?article)

A qual guerra Ponsard estava se referindo? Levando em conta os anos em que ele viveu (nasceu em 1814 e morreu em 1867) poderia estar mencionando, a título de lembrança e dentro de uma memória coletiva, guerras diversas ocorridas antes de seu nascimento, como, por exemplo, as guerras napoleônicas (1808-1814) que findaram quando Ponsard tinha apenas um ano. Poderia também estar falando de outros conflitos guerreiros, ocorridos em outros Estados europeus... Como dissemos são

poucos críticos literários que escreveram sobre a poesia de Ponsard e não conseguimos obter muitos dados biográficos sobre a que escolhemos para ilustrar este artigo, embora a procurássemos, na medida do possível⁴. Enfim, mesmo que as datas e as guerras não tenham sido nomeadas, o apelo do poema em pauta é legítimo e real: não há nada do que tenha sido escrito que não pudesse ter acontecido.

O segundo poema, ou melhor dizendo, segmento de poema que aqui trouxemos foi escrito pelo famoso Victor Hugo. Escritor de vasto fôlego, compôs obras magistrais como *Notre Dame de Paris* e os *Miseráveis*, esta última sendo um verdadeiro libelo a favor das mães solteiras, das crianças abandonadas e da exploração destes, entre outros. Hugo, ao contar uma bela história defende ao mesmo tempo todos os “miseráveis” de todos os tempos: os do passado, os de sua época e os que virão. E que infelizmente aí estão e cujo número não cessa de aumentar. É nesse ponto que voltamos a nos lembrar das palavras da escritora indiana Arundhati Roy: através da ficção, Hugo lança um apelo à Justiça (nem sempre justa) e aos homens de boa vontade de sua época, ao mesmo tempo em que condena as condições de vida precária a qual são reduzidas que se abatem sobre os desfavorecidos da sociedade.

Homem de múltiplas facetas, Hugo escreveu peças de teatro, mais que isso, subverteu as regras clássicas deste ao lançar seus dramas românticos, poemas, romances, discursos políticos, pois, tinha tanta sede de justiça que resolveu consagrar parte de sua vida à política. Combateu a volta da monarquia na França o que lhe valeu o exílio de seu país durante muitos anos. Mas o povo nunca o esqueceu e seu retorno foi saudado com entusiasmo. Victor Hugo passou para a posteridade como um gênio e mais que isso, um homem com convicções políticas que visavam a melhoria de vida dos menos afortunados.

Ao contrário de nosso outro escritor, Ponsard, Hugo recebeu páginas e mais páginas sobre sua vida e seus escritos, em múltiplos manuais de literatura e outros. Muito se escreveu também sobre sua obra literária no domínio universitário: monografias, dissertações, teses e ensaios.

O fragmento aqui escolhido e que foi também por nós traduzido, faz parte do extenso poema *Depuis six mille ans la guerre*, ou seja, em português “Já há seis mil anos, a guerra”.

Sem mais tardar, eis algumas estrofes do poema de Victor Hugo:

⁴ Como escrevemos este artigo no Brasil e não na França, tal busca tornou-se ainda mais difícil.

(ii) Já há seis mil anos, a guerra

*As chacinas, as vitórias,
Eis nosso grande amor;
E as multidões acinzentadas
Têm por sino o tambor.*

*Nossa felicidade é feroz;
Pois consiste em dizer: Vamos! Morramos!
E é de ter na boca
O gosto dos clarins
[...]
E isso para altezas
Que, após vosso rápido enterro
Trocarão amabilidades
Enquanto apodrecereis...*

*Nenhum povo tolera
Que um outro viva ao seu lado;
E ficamos coléricos
Em nossa imbecilidade.*

*É um russo! Degola, bota para fora.
Um croata! Fogo aberto.
Tudo bem. Porque este homem
Tinha uma uniforme branco?*

*Aquele ali, eu o mato
E vou-me embora, o coração sereno,
Pois ele cometeu o crime
De nascer à direita do Reno...*

*Poderíamos ir beber nas fontes,
Rezar na sombra, de joelhos,
Amar, sonhar sob os carvalhos;
Matar seu irmão é muito mais doce...*

(HUGO, V., excertos do poema “Já há seis mil anos a guerra”, 1878, tradução nossa. In: *Encyclopédie sur la mort*, www.agora.qc.ca)

A época da divulgação do poema, ao contrário do primeiro por nós escolhido para ilustrar este artigo, é bem precisa, se seguirmos a citação abaixo:

Dia 30 de maio de 1878, em seu discurso preparado para o centenário de Voltaire, Hugo convida todos a acabar com a glorificação da guerra. Propõe-se ver nesta tomada de posição não somente uma fórmula de circunstância, mas sim resultado de uma tendência que, por meio de sua obra, passa pelos discursos feitos para os Congressos de Paz no Ano terrível, pelas *Canções das ruas e dos bosques* como também um crítica radical e uma visada desmistificadora. (LASTER, A. et PETITIER, P. in: MILLET, C. *Hugo et la guerre*, 2002, tradução nossa)

Explicando a citação: para escrever este poema contra a guerra, durante seu exílio em Guernesey, Hugo se inspirou em outras produções suas, como o artigo “Liberté, Égalité, Fraternité” retirado da coletânea *Chansons des rues et des bois*.

Nosso objetivo ao introduzir neste artigo os dois poemas transcritos é o de mostrar que, em um momento em que tantas vozes se levantam contra a violência causada pelas guerras, há que se dar um espaço para aquelas – modernas ou antigas – que, no âmbito da literatura, clamaram contra tal flagelo. Para nós a arte é algo que consegue existir e transpor fronteiras e, por vezes, tocar mais os corações que discursos políticos, cuja credibilidade é sempre duvidosa, no mundo todo...Em um época de desencanto, voltamos-nos pois àqueles que ainda nos encantam: os poetas.

2. Algumas reflexões sobre o sentido de certas palavras ou expressões contidas nos poemas

Começamos por (i), ou seja, pelo poema de Ponsard. Nele destacamos as expressões “corações inflamados”, “bandeira triunfante”, “teorias” (guerreiras).

Em (ii) encontramos dois símbolos musicais desviados de seus valores primeiros, ou seja “tambor” e “clarins”. Seguem-se outras combinações estranhas de palavras: “chacinas/vitórias”; “felicidade feroz”, além da exortação à morte “Morramos!”(pela pátria) e a menção aos governantes nobres que ordenam a realização de guerras, as “altezas”. Além disso notamos alguns versos construídos sobre sintagmas tais como “não tolerar o outro”; “matar seu irmão”.

Fizemos uma rápida escolha de palavras ou expressões que carregam em si sentimentos favoráveis à eclosão de guerras. Em (i) as expressões “corações inflamados” e “bandeira triunfante” são altamente simbólicas. Elas traduzem, de forma metafórica, o apelo ao amor à pátria.

Cabe aqui uma reflexão. Como os corações dos jovens soldados se inflamam por uma guerra e por qual razão se emocionam diante de uma bandeira? Por um lado, há uma memória coletiva que impregnará a mente dos jovens, seja por meio dos hinos nacionais (que exortam as populações à batalha) seja por meio de ensinamentos cívicos recebidos na escola, que pregam a esses mesmos jovens que o amor à pátria é algo indelével, que não pode nunca ser abandonado.

Por outro lado, todos sabemos que uma bandeira é a representação concreta de uma ideologia: no caso do poema de Ponsard, o do país pelo qual é importante lutar e, se preciso for, dar sua vida. Esses conceitos – amor à pátria e devoção à sua bandeira – são transmitidos desde cedo, de modo formal ou informal às crianças e fazem parte, no decorrer de suas vidas, de suas identidades. Seja como for, a emoção patriótica não é espontânea:

Ela resulta de um trabalho intenso, que começa na escola e prossegue sem descanso na vida pública, [trabalho] que visa estimular o amor dos cidadãos por seu país, seu passado e sua história [...] (BRAUD, 2007, p. 321)

O fato é que cada país tem suas insígnias e os educadores se encarregam de fazer os jovens respeitá-las, desde cedo. Assim a imagem da bandeira da nação à qual pertencemos, desfraldada ao vento, é bastante forte: ela já nos chega aos olhos, carregada de lembranças e de emoções já vividas por toda uma sociedade, da qual somos herdeiros, enquanto membros dessa sociedade ou país.

Porém, a bandeira pode ser também considerada como uma exortação à guerra e também o símbolo de reunião de um grupo que se coloca na defesa de de tal emblema; a bandeira é uma menção ao fato que os homens devem respeitar aqueles que os comandam, sobretudo em períodos de guerra, é o que nos dizem, com outras palavras Chevalier e Gheerbrant (1969, p. 415). Assim, ligando os pontos, os corações batem mais rápido, são inflamados pela visão da bandeira de sua nação.

No poema de Ponsard, destacamos também a palavra “teorias” que se refere, evidentemente, às teorias de estratégias guerreiras, de ataque e defesa.

Símbolos nacionais e teorias são disseminadas em pequenas/médias ou grandes doses na infância dos homens (lembrança de combates e de heróis da família) e também lembradas cada vez que cantamos nosso hinos nacional. Citemos, a título de lembrança, alguns enunciados bélicos do hino brasileiro:

Brasil, de amor eterno seja símbolo//O lábaro que ostentas
estrelado, //E diga o verde-louro dessa flâmula// -paz no futuro e
glória no passado. //Mas, se ergues da justiça a clava forte, //Verás
que um filho teu não foge à luta, //Nem teme, quem te adora, a
própria morte. //Terra adorada, //Entre outras mil, //És tu, Brasil, //Ó
pátria amada! [...]

Aí vemos a menção à bandeira confundida com o ardor patriótico de salvar e morrer pela nação, caso necessário.

O mesmo apelo pode ser notado também no hino francês:

Avante, filhos da Pátria//O dia da Glória chegou//Contra nós, da
tirania//O estandarte ensanguentado se ergueu//O estandarte
ensanguentado se ergueu//Ouvís nos campos//Rugirem esses
ferozes soldados?//Vêm eles até aos nossos braços//Degolar nossos
filhos, nossas mulheres//Às armas cidadãos!//Formai vossos
batalhões!//Marchemos, marchemos!// Que um sangue impuro [...]

mas de modo bem mais evidente que no hino brasileiro: note-se que o apelo à batalha, no hino francês, começa já no primeiro verso do hino: a batalha será o “dia de Glória”! A bandeira francesa já é mostrada com o sangue dos heróis que por ela morreram, a cena de confrontação entre o francês e o invasor é bem atroz. Há no hino em pauta um apelo tão forte à guerra que alguns presidentes, políticos ou intelectuais volta e meia discutem sobre uma eventual mudança de letras. Mas a tradição fala sempre mais forte.

O poema (ii) é bastante irônico (como veremos no próximo segmento). Nele a bandeira não figura como emblema; em seu lugar, estão alguns instrumentos musicais tais como o tambor e o clarim, cujos usos aqui não se aplicam à beleza musical pura e simples, mas sim à música guerreira. No caso do “tambor” ele substitui o som dos sinos das igrejas, o que indica que haverá uma mudança de fé: as palavras de ordem da religião católica “não matarás” serão substituídas por seu contrário: “matarás o inimigo”! Eis a mensagem do tambor. Do mesmo modo, o instrumento musical clarim ou clarineta servirá não para seu fim primeiro e musical mas para conclamar as tropas para a luta contra o inimigo.

Como poeta, Hugo, como aliás é de seu feitio e estilo, propõe estranhas combinações de palavras. Por exemplo “felicidade feroz” nesse caso pode ser considerada como uma figura de linguagem, o oxímoro, ao estabelecer uma relação de oposição, de contradição entre dois sentimentos: a felicidade e a ferocidade. Aliás, os versos iniciais: “As chacinas, as vitórias, //Eis nosso grande amor” também guardam em si uma aproximação de palavras que não se combinam entre si. “Chacinas” não é o equivalente exato de “vitória” e as duas palavras, aqui unidas, não podem, de todo jeito, acordarem-se com um sentimento tão nobre como o “amor”.

Outras palavras são reunidas pelo poeta, tais como as do verso “Nenhum povo tolera // Que um outro viva a seu lado;” cujo significado direto seria: “temos medo do

outro, do estrangeiro”. Há também um verso curioso: “Matar seu irmão é muito mais doce”, no caso, mais “doce” que ir com ele beber água da mesma fonte, rezar juntos, aproveitar a vida e comungar ideais de paz. O “seu irmão” em questão, é claro, refere-se ao vizinho belicoso. Há uma glorificação (irônica) às palavras de ordem que estão subentendidas na memória coletiva em favor da guerra como uma ação patriótica, vital, necessária.

Em suma, tanto (i) quanto (ii) são poemas que criticam a glorificação da violência que é bem aceita no domínio político:

A violência política é geralmente um meio que justifica o fim. É claro que isso é adotado pelo Estado para validar o uso da força, as necessidades da manutenção da ordem ou seu dever de proteger os cidadãos contra uma ameaça exterior. (BRAUD, 2007, p. 358, tradução nossa)

Segundo o teórico supracitado, a atração pela violência pode ser explicada por uma educação rígida e autoritária: “Ela leva o adulto a fazer essa violência voltar-se contra o outro” (BRAUD, *Ib.*). Mas, evidentemente há várias explicações para a violência individual. Já a violência coletiva que leva jovens cantando para a guerra provem de uma espécie de “lavagem cerebral” que pode ser efetuada lentamente, no seio da família e da escola, ou mais rapidamente em contato com outras pessoas que têm no ódio e na violência sua crença suprema.

3. Um possível interpretativo dos poemas à ótica da análise do discurso

Há um sentimento que paira sobre o poema de Ponsard: o do desejo de vingar-se contra todos aqueles que, em algum momento, exortam e conseguem levar adiante o flagelo da guerra. Pois, como é possível verificar no poema: existe um *eu-poeta-enunciador* que gostaria de ver, no lugar dos jovens soldados que morrem na guerra, os incentivadores desta. E mais ainda: esse *eu* queria vê-los a sofrer os sofrimentos dos pais e mães que descobrem os rostos dos filhos amados, entre os cadáveres. O mesmo *eu* sonha com as reações – imaginamos, de covardia, fuga e medo – desses incentivadores da guerra (comandantes, governantes, políticos...) se eles estivessem diante do fogo contínuo dos canhões. E, no primeiro verso, vingança suprema, o *eu* gostaria que eles, os instigadores da guerra fossem os mortos cujos olhos são arrancados e dilacerados por corvos. Evidentemente, tal ressentimento que carrega

consigo sentimentos de amargura e mesmo ódio, é amenizado pela forma poética que Ponsard concede às suas palavras.

Nesse caso preciso, podemos afirmar que tal forma funciona como uma estratégia argumentativa bem particular: ela consegue chamar a atenção do leitor e influenciá-lo, para que ele também sinta tal sentimento. Assim, não se pode dizer que o poema “Eu queria ver as pessoas que decidem a guerra em um campo de batalha” seja um poema pacifista. Não! Ele encoraja uma espécie de revolta identitária contra ideais autoritários daqueles que agem em nome de princípios por eles julgados sagrados, como os que evocamos no segundo segmento do artigo. Trata-se sobretudo, como o poema de Hugo, de um desencorajamento à glorificação da guerra.

O poema é construído em torno de um *eu-enunciador* que tenta estabelecer uma comunicação com seus leitores, com o objetivo de influenciá-los e fazê-los aceitar suas ideias. Algumas estratégias discursivas são necessárias para a obtenção desse efeito. Já citamos uma delas, que consideramos bastante forte: a de fazer com que um sentimento considerado não-positivo, como o ressentimento amargo perpassasse todos os ditos do poeta, mas, sob a forma poética, o que, sem dúvida, pode abrandar o ódio que subjaz em tal sentimento. O título do poema bem como seu primeiro verso, aliás, lembraram-nos da *Lei de Talião*: “Olho por olho, dente por dente”.

Vejamos outras estratégias: o sentimento de desprezo em relação àqueles que glorificam a guerra; nesse caso, um forte símbolo patriótico “a bandeira que flutua ao longe”. Longe de quem? Dos que por ela morreram? Ou daqueles que – bem protegidos- defendem a guerra em nome desse emblema patriótico?

As descrições que são expostas no poema, funcionam também como estratégias argumentativas, pois levam em conta o *efeito pathemico* que sua leitura pode provocar. No primeiro verso, temos os corvos a realizar seu trabalho de aves de rapina, trabalho este que é descrito com detalhes; no segundo verso, temos a descrição de um cadáver de soldado: “Os dedos crispados, a boca aberta e sem fôlego”, ou seja, o cadáver em questão não é nomeado, nem a palavra “morte” é evocada. O efeito *pathemico* é mais forte com o que é sugerido e não nomeado, no caso. Pois, tal corpo pode ser identificado por um daqueles que encorajam ou comandam as guerras, como o de um irmão ou o de um filho. Os dirigentes do mundo são assim lembrados pelo

poeta em sua humana condição: face à morte brutal de uma guerra, membros de suas próprias famílias podem também perecer nas mais indignas condições.

Cabe notar enfim, algo que servirá mais para este poema que para o poema (ii) de Victor Hugo: *a noção do tempo de guerra*. Como dissemos no início do artigo, não pudemos fornecer com precisão histórica a qual guerra Ponsard estava a se referir ao compor seu poema que, a nosso ver, assume a forma de um libelo político a se opor à guerra - vista como um todo- que pode afligir este ou aquele povo.

Nesse sentido, Halbwachs discorre longamente sobre a noção de tempo, na visão de um indivíduo ou de uma coletividade, para enfim chegar a seguinte conclusão:

[Assim, nosso pensamento é apenas um fio de água tênue e contínuo, limitado pelas margens entre as quais correm nossas impressões.] Além dessa margem do tempo que se move, ou mais exatamente dos tempos coletivos, não há mais nada pois, o tempo dos filósofos é apenas uma forma vazia. O tempo só é real na medida em que ele tem um conteúdo, isto é, conteúdo que ofereça uma matéria de acontecimentos dirigidos ao pensamento. O tempo é limitado e relativo mas possui uma realidade plena. Ele é bastante amplo aliás, para oferecer às consciências individuais um quadro suficientemente rico para que elas ali possam distribuir e reencontrar suas lembranças. (HALBWACHS, 1997, p.192, tradução nossa)

O que entendemos nas palavras de Halbwachs é que a noção de tempo é algo fluído, sobretudo quando a ela se quer colar um tempo individual, o de cada um de nós, que irá modelá-lo a sua maneira. O tempo deve ser considerado em função de um pensamento coletivo, pois só assim o indivíduo poderá ali dispor do rico material que vai constituir seu capital de lembranças. Em suma, a noção de tempo, tão preciosa e necessária para os historiadores, torna-se mais deslizante em Halbwachs.

Mas, é justamente da noção de tempo de Halbwachs que precisamos para enquadrar as guerras ou a glorificação às guerras encontradas nos dois poemas de nosso mini *corpus*. Em nosso artigo, o mais importante, mais que datas precisas e bem definidas é *o tempo das lembranças coletivas que oferecem subsídios de pesquisa e reencontro de si às consciências individuais*.

Vamos ousar mais um pouco e colocar tanto o poema de Ponsard quanto o de Victor Hugo em um tempo que se situa entre o definido e o indefinido e que se aproxima do gênero *Ucronia*. O termo, etimologicamente, designa um “não-tempo”.

Refere-se pois, a “histórias que se apoiam sobre a reescrita da História e sobre a modificação de acontecimentos do passado” (CLARY, 2015, p. 59).

Examinemos agora o poema (ii).

O que mais nos chamou a atenção no excerto “Já há mais de seis mil anos, a guerra” é o olhar irônico com o qual seu enunciador examina o amor à guerra ou mais precisamente à glorificação dessa. Tal ironia, retórica, se faz ver por meio da figura da antítese em todas as estrofes. Seguindo a lógica dessa inversão irônica, o *eu-enunciador-irônico* enuncia algo para fazer entender seu contrário: evidentemente, o *eu-comunicante* ou autor não ama “as chacinas e as vitórias”, nem sente uma “felicidade feroz” ao ouvir as injunções “Morramos!”. Evidentemente, ele é pelo respeito do “outro” e em toda a sua obra, não se cansou de apregoar tal ideia. A raiva ao estrangeiro que ecoa no poema, bem como a certeza de que é justo matar alguém porque ele usava “um uniforme branco” (diferente do uniforme do soldado matador) é algo que Hugo deplora.

Sua ironia tem um sabor especialmente amargo na estrofe “*Aquele ali eu mato// E vou-me embora, o coração sereno,// Pois ele cometeu o crime// De nascer à direita do Reno...*”, pois, ele explica com todas as letras o motivo do crime autorizado: o outro nasceu na margem “errada” do rio Reno. É uma explicação derrisória que chega a ter um caráter tragicômico. Coincidentemente, ela nos leva à ironia de *Gargantua* (1534) de Rabelais, na parte onde são descritas as causas da guerra entre o país do herói e o país de Lerné. A *guerra Picrocholine* (pois o rei do país que declara a guerra se chamava Picrochole) como tantas outras guerras começa por um absurdo tolo. Vendedores de pãezinhos ou bolos de Lerné encontraram pastores da terra de Gargantua e estes, como faziam sempre, quiseram comprar seus pães. Mas os vendedores de Lerné recusaram-se a vendê-los, sabe-se lá porque. Os pastores, surpresos com a recusa e com as injúrias que se seguiram a esta brigaram com os vendedores e depois compraram seus pães. Mas estes, ofendidos, foram se queixar a Picrochole que, imediatamente, declarou guerra ao país de Gargantua. Evidentemente, Rabelais quis mostrar como essa guerra se assemelhava a outras que realmente existiram e a soberba e autoritarismo dos príncipes governadores de sua época.

Assim o poema de Hugo: os soldados têm liberdade de destroçar seus irmãos ou quase compatriotas só porque estes nasceram na “margem errada” do rio. Como se

houvesse um “margem certa”. E, após a matança autorizada, sentem-se leves e felizes. Isso causa horror a Hugo que ataca essa atitude de desprezo pelo “outro”, o “estrangeiro” da outra margem, pelo viés da ironia.

Como dissemos trata-se de uma ironia verbal que recorre à antítese. No entanto é preciso pensar que o recurso a esta figura implica também no recurso a mais de um *eu*. No caso, temos um *eu-enunciador* que se mostra a favor das violências permitidas pela guerra; mas atrás dele existe um *eu-comunicante* que abomina tais ações. As vozes dos dois *eus*, evidentemente, entram em duelo, como diria Bakhtin.

Seguindo o conceito de polifonia do mestre russo supracitado, em sua revisão realizada por Ducrot (1984) poderíamos também dizer que, em cada estrofe do poema de Hugo, há um *locutor* que somente apresenta versos sobre a guerra e a ação dos soldados que, de homens normais que eram tornam-se assassinos impiedosos. Mas, como vimos, tal *locutor* deixa entrar em seus versos um *enunciador* que proclama justamente o contrário do que ele pensa. Tomando por exemplo a estrofe

*Nenhum povo tolera
Que um outro viva ao seu lado;
E ficamos coléricos
Em nossa imbecilidade.*

podemos notar que seus três primeiros versos são atribuídos ao *enunciador* de um discurso “não-sério”, ou seja, irônico; o último verso, porém, reflete já a voz ou o pensamento do locutor, que se exprime por meio de um discurso sério: a não-simpatia pelo outro, pelo “estrangeiro” é pura imbecilidade.

Já o último verso,

*Poderíamos ir beber nas fontes,
Rezar na sombra, de joelhos,
Amar, sonhar sob os carvalhos;
Matar seu irmão é muito mais doce...*

a posição do *locutor-sério* e a do *enunciador-irônico* é invertida: os três primeiros versos são o reflexo do pensamento do primeiro (não contêm ironia). No caso, o *locutor-sério* mostra como a vida seria bela e como os homens seriam felizes se dela desfrutassem. Mas o último verso revela a introdução da voz do *enunciador-irônico* que afirma: “Matar seu irmão é muito mais doce...”

Acreditamos que o jogo irônico praticado por Hugo aproxima-se também, da ironia socrática: os fatos, com seus erros são expostos; cabe a cada um dos leitores dessa mensagem poética de deles retirar a boa interpretação.

Para concluir

Quisemos aqui, por meio de dois poemas franceses do século dezenove, mostrar como a obsessão da guerra persegue os homens e como artistas – no caso dois escritores franceses – reagiram a tal calamidade, que como diz Hugo, já existe sobre a terra há mais de seis mil anos...e, o que é pior, continua a existir. A prova é que, se trocarmos o moderno meio de destruição em massa, o canhão (citado no poema de Ponsard) por outras da atualidade e se ignorarmos alguns pontos de localização de algumas guerras no poema de Hugo (rio Reno) e as nacionalidades de determinados inimigos da França na época (russos, croatas...) teremos, no âmago dos poemas informações ainda viáveis para temer ou tremer diante do flagelo da guerra.

Para melhor entender os poemas de Ponsard e Hugo, recorreremos à uma análise discursiva que ressaltou, sobretudo, a atitude dos diferentes sujeitos de palavra que neles se manifestaram. Embora não tenhamos nos estendido demasiadamente nessas análises, considerando o gênero “artigo” e o espaço que ele nos oferece, chegamos a algumas conclusões.

A primeira delas é que todas as palavras e expressões dos poemas não foram ali colocadas de forma aleatória, por seus respectivos escritores. Cada palavra ou cada arranjo verbal para compor estrofe após estrofe dos dois poemas analisados recebeu uma visada argumentativa. No caso de Ponsard, notamos também que suas descrições traduzidas por palavras parecem encerrar um desejo de “pintar um quadro” a fim de que as mortes consequência da guerra ficassem bem gravadas na mente dos leitores.

A segunda conclusão é que nos dois poemas existe o desejo latente de despertar um efeito de *pathos* em seus respectivos leitores. Cabe remarcar que em Hugo, tal efeito faz parte de seu estilo como escritor: desde a peça *Hernani* (1830) que tanto escândalo provocou na época, passando por toda sua vasta produção literária, é fácil notar como Hugo sabia manejar bem as palavras para que estas surtissem um determinado efeito em seu público. Ele mostrava-se bastante apto para lidar com os fenômenos retórico em geral e com uma ironia feroz, em particular.

A terceira conclusão é que o *sujeito-comunicante* do poema (ii) encontra-se com seu *sujeito-enunciador* e faz questão de deixar índices desse encontro; tal fato, se existe no poema (i) não é assim tão evidente.

Como tal encontro pode ocorrer? Para melhor explicá-lo recorreremos ao quadro de sujeitos enunciativos formulado por Charaudeau (1983, p. 46.). Expliquemos novamente, de modo bem panorâmico, a primeira parte do quadro, aplicando-o à poesia: no quadro delinea-se o local por onde circulam seres reais nomeados, respectivamente *eu-comunicante* (escritor) e *eu-interpretante* (leitor). O primeiro deles “delega” sua palavra a um *eu-poeta* que irá transformar as ideias do escritor em palavras e estas em poema. Note-se que, neste quadro há uma linha que une o escritor ao poeta, embora um seja ator do mundo real, outro personagem do mundo de papel. Como tal linha ser pontilhada, ele permite (se for o caso) a travessia de dados do *modus vivendis* do escritor para as palavras do *eu-poeta*.

É o que se nota no poema (ii) de Victor Hugo. O escritor teve uma vida política movimentada e sempre foi republicano. Nunca escondeu, bem ao contrário, sempre abominou o Golpe de Estado que Louis-Napoléon Bonaparte deu em 2 de dezembro de 1851, golpe este que jogou novamente a França (após a Revolução Francesa!) em um regime imperial. Por causa disso, desse ódio sempre revelado, Hugo foi banido e condenado ao exílio por um decreto, em 9 de janeiro de 1852. Ora, o poema (ii) foi escrito durante seu exílio e sua terceira estrofe é bem reveladora dos sentimentos do homem Hugo:

*E isso para altezas
Que, após vosso rápido enterro
Trocarão amabilidades
Enquanto apodrecereis...*

Os culpados da guerra são assim apontados por Hugo, sem complacência: as “altezas”, a da França, certamente e também outras dos outros países.

Finalmente, ficou-nos bem claro como a emoção patriótica é criticada, tanto em (i) quanto em (ii). O homem é um animal social e, por isso precisa se identificar a certos grupos e mostrar sua solidariedade para com eles. Tal fato não passa despercebido por aqueles que se aproveitam do fato para manipular a vontade do homem e para fixar em sua mente, desde a mais tenra infância ideias grandiosas sobre o ato guerreiro em si. Daí nossa busca de dois artistas/poetas/escritores que tentaram

Machado, Ida Lucia. “Não insuflam o povo à guerra!”: ecos longínquos de vozes poéticas. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.01-20, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

combater a mistificação guerreira, cada um com seu estilo. Ponsard e Hugo se fizeram arautos do povo, ou ao menos de uma parcela do povo, ao mostrar seus pontos de vista sobre a guerra e sobre o poder autoritário.

Que, infelizmente, é o que comanda as guerras, desde sempre.

Referências

BAKHTINE, M. *L'œuvre de François Rabelais au Moyen Age et dans la Renaissance*. Paris: Seuil, 1970.

BRAUD, P. *Petit traité des émotions, sentiments et passions politiques*. Paris : Armand Colin, 2007.

CHARAUDEAU, P. *Langage et discours*. Paris: Hachette, 1983.

CHEVALIER, J. et GUEERBRANT, A. *Dictionnaire des symboles*. Paris : Robert Laffont, Bouquins, 1982.

CLARY, F. *L'imagination*. Paris: Édition Atlande, 2015.

DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.

HALBWACHS, M. *La mémoire collective*. Édition établie par Gérard Namer. Paris: Albin Michel, 1997.

HUGO, V. « Depuis six mille ans la guerre ». In : *Encyclopédie sur la mort*, agora.qc.ca (consultado dia 09/09/2017)

HUGO, V. Hernani. In : <https://www.wdl.org/pt/item/14428> (consultado dia 13 de setembro de 2013).

MACHADO, I.L. *Essai sur l'ironie en tant qu'élément de communication*. Thèse de doctorat. Toulouse II, 1988.

MACHADO, I.L. Estratégias políticas de persuasão/sedução nos discursos de dois ex-presidentes da República. In : EMEDIATO, W.(org). *Análises do Discurso político*. Belo Horizonte : Editora FALE/UFMG, p. 143-157.

Midi Insoumis, Populaire et Citoyen. François Ponsard. In: www.gauchemip.org (site consultado dia 6 de setembro de 2017)

MILLET, C. (textes réunis pour). *Hugo et la guerre*. Paris: Maisonneuve et Larose, 2002.

Machado, Ida Lucia. “Não insuflam o povo à guerra!”: ecos longínquos de vozes poéticas. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.01-20, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

PONSARD, F., “Je voudrais voir les gens qui poussent à la guerre sur un champ de bataille” in: www.gauchemip.org/spip.php?article (consultado dia 09/09/17)

RABELAIS, Gargantua et Pantagruel. www.cosmovisions.com/textGargantua.htm

RINCÉ, D. Et LECHERBONNIER, B. *Littérature, textes et documents XIXè. Siècle*. Paris: Nathan, Collection Henri Mitterand, 1986.

<https://www.letras.mus.br/hinos-depaises/1186858/traducao.html> (*site* consultado dia 08 de setembro de 2017)

<https://www.letras.mus.br> > Marchas/Hinos > Hinos de Países > Hino Nacional Brasileiro (*site* consultado dia 08 de setembro de 2017).

Recebido em agosto de 2017.

Aceito em outubro de 2017.